

# INGLEZES NA COSTA

COMEDIA

EM

UM ACTO

POR

*Joaquim José de França Junior,*

Bacharel formado pela Faculdade de Direito de S. Paulo.



RIO DE JANEIRO.

TYP. — PAULA BRITO — 1864.



15.852  
1909



41,22,29

## PERSONAGENS.

---

Luiz de Castro, tio de . . . . .	Graça.
Felix, estudante do 5.º anno de Direito . . . . .	Martins.
Silveira, dito do 2.º anno . . . . .	Vasques. ✓
Feliciano, dito . . . . .	Peregrino.
Lulú . . . . .	D. Clelia.
Ritinha . . . . .	D. Virginia.
Teixeira . . . . .	Torquato. ✓

---

A scena passa-se em S. Paulo, EPOCHA—Actualidade.

RECEIVED

...	...
...	...
...	...
...	...
...	...
...	...
...	...
...	...
...	...

...

## ACTO UNICO

O Theatro representa um quarto com uma porta ao fundo, e portas lateraes. A' direita e á esquerda camas: no fundo uma estante com livros em desordem, um cabide com roupa; sapatos velhos espalhados, duas canastras ao lado do cabide, uma mesa com papeis e livros, etc.

### SCENA I.

FELIX E SILVEIRA.

( Ao subir do panno Silveira e Felix dormem nas camas embrulhados em cobertores encarnados. Batem tres vezes na porta do fundo ).

FELIX (acordando sobresaltado).

Heim ?

SILVEIRA (pondo a cabeça fora do cobertor).

Bata com a cabeça.

FELIX.

Insensato, o que fazes ? E' um credor !

SILVEIRA.

Um credor ! Pois já amanheceu ? ! ( batem outra vez: baixo ). Bate grandissimo patife.

FELIX.

Ora isto é incrível ! Vir um cadaver assombrar um homem ao romper da aurora !

SCENA II.

OS MESMOS E FELICIANO.

FELICIANO (*de dentro*).

Abram a porta.

SILVEIRA (*escondendo-se no cobertor*).

Salve-se quem puder! (*Feliciano empurra a porta, e entra; Felix, levantado-se, esconde-se atraz da cama*).

FELICIANO.

Pois ainda dormem! (*puchando o cobertor de Silveira*). Que escandalo! (*olhando para a direita vê a cabeça de Felix fora da cama*). Com os diabos o que fazes debaixo da cama?

FELIX.

Feliciano, ha certas graças, que não têm graça.

FELICIANO.

Pelo que? (*rindo-se*) Ah! já sei: tomaram-me sem duvida por algum credor, por um *inglez*?

SILVEIRA.

Por um *inglez*?

FELICIANO.

Já vejo que ainda não leram Balsac. Pois saibam que o espirituoso author da *Comedia Humana* appellida de *inglezes* á essa raça desapiadada que nos persegue por toda a parte. Depois da questão anglo-brasileira, creio que não póde haver um epitheto mais apropriado para designar um credor. Os *inglezes* são inimigos terriveis, e um credor, á meu vêr, é o mais furibundo dos nossos inimigos. (*rindo-se*) Tomaram-me por um *inglez*!

SILVEIRA.

Quando se tem o espirito sobresaltado....

FELICIANO.

Sei o que é isso. Eu tambem venho tocado de casa. Acredita-me, Silveira: eu sou um homem infeliz. As vezes tenho impetos de perguntar ao cano de uma pistola os segredos da eternidade. Esses *inglezes* hão de ser a causa da minha morte!

SILVEIRA.

E da morte do Brasil inteiro! As cousas não vão bem.

FELICIANO.

Mas tu não te levantas? São onze horas e um quarto.

FELIX.

Onze e um quarto? Ainda é muito cedo (*volta-se para o outro lado*).

FELICIANO.

Decididamente não pretendem sahir hoje de casa?

SILVEIRA.

Não sabes, insensato, que hoje é o dia 15 do mez? O dia 1º e o dia 15 de cada mez são dias fataes para um pobre estudante! As ruas estão calçadas de credores!

FELIX.

Chi! . . . Andam por ahi assanhados!

FELICIANO.

A quem o dizes. Na rua de S. Gonsalo fui abordado por quatro. Um delles era coxo; mas a fatalidade, que protege os verdugos, deparou-me um maçante no momento em que eu dobrava um bêco para esconder-me no corredor de uma casa. Imaginem vossês a minha situação: entre um maçante e um *inglez*. A victoria do segundo foi inevitavel! O homem medio-me de alto á baixo com a gravidade de um subdito da Rainha Victoria, e entregou-me a conta. Creio que tive uma vertigem. Quando tornei a mim, já não tinha uns innocentes dez mil réis, que me restavam da mesada.



SILVEIRA.

E julgas-te infeliz por teres encontrado um credor coxo? Pois olha, caro Felicianno, eu tenho tido credores com todos os defeitos: coxos, corcundas, surdos, mudos, anões... Nunca viste o Recrutamento na Aldêa? E para coroar a obra, tenho ultimamente um caôlho, cujo nome hade ser gravado em letras d'ouro nos annaes da historia. E' um diabo em figura de homem com o dom da ubiquidade: encontro-o em todos os lugares. Se nos bailes, de braço com alguma encantadora menina, eu me transporto ao Ceu n'uma nuvem de poesia, a figura sinistra de um sujeito que discute com outro sobre a carestia dos generos alimenticios, embarga-me a voz na garganta, e eu fujo aterrado da sala; é o Teixeira. (Chama-se Teixeira). Nos theatros, quando toda a platêa manifesta a sua expansão por uma chuva de palmas e bravos, eu, semelhante a um herôe de melodrama, procuro com a velocidade de um raio a porta da rua, é ainda o Teixeira. Nos cafés, nos botequins, nas Igrejas... enfim, por toda a parte o Teixeira, sempre o Teixeira!... Se algum dia tiveres um credor caôlho (ouve este conselho que é de uma pessoa experimentada) quando o avistares toma-lhe sempre o lado do olho arruinado; nunca lhe tomes a frente, porque o credor que só tem um olho, vê mais com elle do que veria com os dous.

FELIX (*sonhando*).

Sim, meu anjo... heile adorar-te....

SILVEIRA.

E pôde sonhar este desalmado na manhã do

dia 15! (*puchando o cobertor, e gritando-lhe no ouvido*) Acorda bruto!

FELIX (*sobresaltado*).

Heim?! Quem me chamou? Barbaros! acordarem-me no meio de um sonho vaporoso (*canta*).

Sonhei que lèda vieste  
Junto á meu leito cantar,  
Um canto que me dizia:  
Bardo, não sabes amar.

Julguei-me por momentos um outro D. Juan ao lado da divina Haydèa sob a saphyra do bello ceu da Grecia. Seus olhos negros e humidos procuravam as regiões sublimes d'onde tinham desertado; seus cabellos brincavam em ondas sobre o côlo setinoso.... Oh! mas agora me lembro: o que sonhei antes foi horrivel! Sonhei que meu Tio, o desalmado Luiz de Castro, tivera a infeliz idéa de vir visitar-me a S. Paulo, e que praguejava á meu lado como um possesso. Isto é comportamento?! O Snr. é um dissipador! é um caloteiro! é um ladrão! (*creio que ouvi a palavra—ladrão—*) Os meus presentimentos nunca falham, Silveira.

SILVEIRA.

Tudo isso é muito bonito, meu caro; mas até o presente não ha ainda dinheiro para o almoço.

FELIX.

Dinheiro, metal vil! o que é o dinheiro?

SILVEIRA.

E' aquillo com que se compra o almoço.

FELIX.

E onde está a sublime instituição do credito?  
Não crês no credito? não crês na Providencia?  
(*canta*).

Credo in Dio  
Signor dell'Universo

.... Não conheces este pedaço? E' dos Mar-  
tyres.

FELICIANO.

Pelo que vejo não temos almoço?

SILVEIRA.

Desconfio que sim. Vou deitar-me; dizem que  
o somno sustenta.

FELICIANO.

Não haverá ao menos cobres em casa?

FELIX.

Ha a sublime instituição do credito.

SILVEIRA.

Desgraçado, tu ainda cusas fallar em credito,

quando estamos desmoralizados, e ninguém já nos fia um vintem !

FELIX.

Não desesperem, collegas: o acaso é nosso Deus. Vou proceder a uma busca. (*Vai ao cabide e tira um collete*).

FELICIANO (*apalpando as algibeiras*).

Nem um cigarro !

FELIX (*tirando do bolso do collete um papel*).

Um papel !

FELICIANO.

E' uma nota de dez tostões.

FELIX (*lendo*).

—Lgrimas de sangue—Poesias inéditas por uma victima offerecida em holocausto á experiecia.

SILVEIRA.

Ainda poesias.

FELIX.

Enganam-se: é uma conta de alfaiate! (*vendo a outra algibeira*) Agora não me engano: creio que é

uma nota de dous mil réis (*os dous approximam-se*)  
E' uma carta de namoro! (*lendo*)— Meu que-  
rido—...

SILVEIRA.

Dispensamos a leitura.

FELIX (*batendo na testa*).

Ah! Eureka, Eureka! (*corre ao fundo e encon-  
tra-se com Teixeira que entra*).

SCENA III.

OS MESMOS E TEIXEIRA.

TEIXEIRA.

O Snr. Dr. Silveira.

SILVEIRA (*baixo a Feliciano*).

Estou perdido! O Teixeira caólho, e estou do  
lado esquerdo. Que fatalidade!

FELICIANO (*baixo a Silveira*).

Passa para o lado direito.

SILVEIRA (*indo para a direita encontra-se de frente  
com Teixeira que avança para a scena*).

Oh! Snr. Teixeira, como tem passado? Tenha a  
bondade de sentar-se... sem cerimonia. Felix?  
traz esta canastra para o Snr. Teixeira (*Felix arrasta*

a canastra: Teixeira fica em pé) Esteja á gosto.  
(Teixeira senta-se).

TEIXEIRA (com ar severo).

A minha demora é pequena.

SILVEIRA.

Liamos quando o Snr. entrou um dos mais bellos  
pedaços de poesia classica. Gosta de versos Ale-  
xandrinos, Snr. Teixeira?

TEIXEIRA (a parte)

Parece que estão caçoando comigo.

FELICIANO.

O Snr. póde ter a bondade de me dar um cha-  
ruto?

TEIXEIRA.

Não fumo, Snr.

SILVEIRA.

Os classicos fallam mais á cabeça do que ao co-  
ração.

TEIXEIRA.

Eu não quero saber de corações, Snr. Dr. eu vim  
aqui tratar dos meus interesses.

FELICIANO.

O Snr. Teixeira é acardiaco ?

TEIXEIRA.

Tndo, menos insultos: podemos brincar sem nos sujarmos. Vamos ao que me interessa. (*tirando um papel do bolso*) Aqui tem a sua...

FELIX.

Creio que o Snr. Teixeira é mais apaixonado de musica. Prefere a musica Italiana á musica Allemã? Ouve talvez uma melodia de Bellini, ou do inspirado Donizetti de preferencia á uma fuga de Bach, á uma symphonia de Bethowen, ou a um oratorio de Haydn. A musica Italiana é a voz do coração; a musica Allemã, vaporosa como as Walkirias do norte, eleva-se em harmonias até o Ceu. E' a metaphysica da musica, a musica transcendental, como se exprime Blase de Bury: é essa musica que tornava o divino Mozart inacessivel na vasta esphera em que elle gyrava. Conheceu Mozart, Snr. Teixeira ?

TEIXEIRA.

Eu já disse que não gosto de gracejos.

SILVEIRA.

O Snr. Teixeira prefere a musica Italiana.

FELIX.

Então ouça este pedaço (*canta*).

Parigi o ó cara lascieremo  
La vita uniti percorreremo...

E' a mais sublime situação da opera de Verdi!

SILVEIRA.

Oh! a situação é admiravel! Violeta está crivada de dividas; Alfredo, para salv-a das garras dos credores, supplica-lhe que abandone Paris. O credor, Snr. Teixeira, é o diabo. O Snr. não póde fazer uma idéa do que é o credor.

TEIXEIRA.

Basta, Snr.: não admitto mais gaiatadas. Ou o Snr. paga o que deve, ou então vou á Policia.

SILVEIRA.

Mais devagar, meu caro: não se esquite.

TEIXEIRA.

Eu vejo no seu procedimento para comigo uma verdadeira velhacaria.

SILVEIRA.

O Snr. não póde vêr nada direito, porque tem só um olho.

TEIXEIRA.

Não: isto já não é gaiatada: isto é desafeto! Vou processal-o por crime de injuria.



FELICIANO.

Faz mal, Snr. Teixeira: deve processal-o por calumnia.

TEIXEIRA.

Heide arrastal-o perante os tribunaes. Antes ter um só olho do que, do que... Já me sóbe a espuma á boca. Heide lhe mostrar para quanto serve o Teixeira caólho. (*ricm-se todos*).

SILVEIRA.

Venha cá, Snr. Teixeira. (*Teixeira sahe*).

SCENA IV.

FELICIANO, SILVEIRA, FELIX E DEPOIS TEIXEIRA.

SILVEIRA.

Eis como deviam terminar as minhas relações com o Snr. Teixeira caólho: por um processo de injuria verbal.

FELIX (*cantando.*)

Ah ! dell'indegno rendere...

SILVEIRA.

E tu cantas.

FELIX.

Queres que chore ?

FELICIANO.

Afianço-lhes que o homem sahio como uma bomba !

TEIXEIRA, (*apparecendo no fundo.*)

Então paga ou não paga ?

SILVEIRA.

Ora ponha um olho de vidro, só caôlho.

TEIXEIRA.

Antes ser caôlho do que... do que... Vou estourar na Policia.

SCENA V.

OS MESMOS MENOS TEIXEIRA.

FELICIANO, (*battendo no hombro de Silveira.*)

Meu caro, não é processo de injuria que me aterra: o que me aterra é a fome (*vendo as horas*) Quasi meio dia, e não ha esperanza de almoço !

SILVEIRA.

Na nossa vida ha momentos terriveis, collêga. Mas a generosidade e a franqueza, esses dous sentimentos que são quasi sempre a partilha dos vinte e dous annos, pulsam nesses trances em nossos corações. No grande mundo ha homens que calçam luvas de pellica para occultar as mãos manchadas no sangue do seu semelhante, ha mulheres que nos embebem o punhal no peito com o sorriso nos labios; ha amigos que nos

abandonam na hora do perigo; mas aqui, na vida do coração e das illusões, sob o tecto enegrecido de uma mansarda, é que se encontram os grandes sentimentos. Toma um cigarro. (*tira um cigarro e uma caixa de phosphoros debaixo do travesseiro e dá-o a Feliciano*).

FELICIANO.

Obrigado, collega.

FELIX.

Isto tudo quer dizer que não ha almoço.

SILVEIRA.

Mas tu gostaste—Eureka— quando entrou o Teixeira.

FELIX.

Gritei; mas não tive a felicidade do philosopho de Syracuse. Fui a um collete velho...

FELICIANO.

E o que achaste?

FELIX.

Um bilhete de gondola.

SILVEIRA.

Com os diabos ! isso não corre em S. Paulo.

FELIX.

O que querem ? Devemos dizer como o cantor

da Bohemia—frageis caniços, a fatalidade dá-nos  
as honras de uma tempestade—( *batendo na testa* )  
Oh ! que idéa ! ( *dança e cantarolla* ).

FELICIANO E SILVEIRA.

O que ?

FELIX.

Está salva a patria ! Hoje não é o dia 15 ? Fui  
convidado para um grande almoço em casa do  
Barão de Inhangabahú.

SILVEIRA.

E nós ?

FELIX.

Ah ! l'amor, l'amor ond'ardo,  
Le favelli in mio favor.

FELICIANO.

Esta tua alegria é um insulto.

SILVEIRA.

Esse almoço repugna com os teus principios  
politicos. O Barão é vermelho, e tu es amarello.  
Não deves ir comer um pão molhado nas lagrimas  
do povo. Não deves ir.

FELIX

Silveira, quando falla a barriga, cessam os  
principios. E demais, quantes não entram ama-  
rellos n'um jantar, e sahem vermelhos ? Vou

quanto antes : não me esquecerei de vossês · a casa do Barão é perto, e em menos de meia hora, eu estarei aqui com o que puder trazer.

SILVEIRA.

E com que roupa pretendes lá te apresentar ?  
Queres fazer uma figura ridicula ?

FELICIANO.

Queres salpicar de lama a illustre corpuração a que pertences.

FELIX.

E por causa de roupa, hei de deixar de ir a um almoço esplendido ? Não : o homem não deve acobardar-se em face desses petits riens da vida ( *para Silveira* ) Has de me emprestar a tua casaca preta. Quanto ao mais que me falta, vou proceder a uma busca. Esta camisa está muito indecente... com um collarinho postiço, e a casaca abotoada...

SILVEIRA.

Collarinho é o menos. E os sapatos ?

FELICIANO (*apanhando um sapato*).

Aqui está um sapato.

FELIX.

Cá está outro. (*Senta-se na cama e calça um*). Vai ás mil maravilhas ! (*Calçando outro*). — Ananke — ! São ambos do mesmo pé ! Mas não se conhece ?

FELICIANO (*procurando.*)

Uma luva preta.

SILVEIRA.

Olha: cá está outra.

FELIX.

Dá-ma. (*reparando*) E' branca.

SILVEIRA.

Isso é o menos pinta-se.

FELIX.

Não tenho tempo a perder: já tenho o essencial; dispenso os objectos de luxo. Vou-me vestir. (*vai sahido pela direita*)

FELICIANO.

Uma gravata á Solpherino.

FELIX (*voltando*)

Dá-ma. (*sahé.*)

#### SCENA VI.

FELICIANO E SILVEIRA.

FELICIANO

Pela primeira vez em minha vida sinto a inveja.

SILVEIRA (*bocejando.*)

Ai, ai vou dormir.

FELICIANO.

Ser convidado para um almoço esplendido, enquanto que nós.....

SILVEIRA.

Emquanto que nós.....

FELICIANO

Silveira: esta vida è cheia de espinhos. No lar domestico aquecido ao seio da familia eu nunca sentia fome.

SILVEIRA.

Cahimos no sentimentalismo.

SCENA VII.

FELICIANO, SILVEIRA E DEPOIS FELIX.

FELIX (*de dentro cantando*).

Ahl che la morte ognora  
E' tarda n'el venir....

SILVEIRA.

Canta, patife!

FELICIANO.

Ao menos resta-nos um consôlo : não morreremos de indigestão.

FELIX. (*entrando*).

Prompto. A casaca vai-me bem?

FILICIANO.

Como uma luva !

SILVEIRA.

Mas este collete está indecente : parece um fogo chinês ! Isto faz mal até á vista. Não deves ir ao almoço. Tu podes indispor o Barão de Inhanga-bahú com este collete.

FELIX.

Abotôo a casaca. Até logo, rapasiada ( *sahe cantando* ).

Madre infelice  
Corro a salvar-te...

### SCENA VIII.

FELICIANO E SILVEIRA.

FELICIANO.

Já tenho suores frios, e a cabeça anda-me á roda.

SILVEIRA.

Feliciano, creio que vou ter uma vertigem. (*Ouvm-se fóra gargalhadas de mulheres*). Heim ? !

FELICIANO.

O que ?

### SCENA IX.

OS MESMOS, LULU E RITINHA.



LULU.

Vivam os Doutores.

SILVEIRA.

Lulú!

FELICIANO

Adeus, adorada Ritinha. Sempre bella e arrebatadora, como as creações antigas de Phydias e de Praxiteles.

LULU.

Saibam que viemos jantar com vossês.

SILVEIRA.

O que ?

RITINHA.

Olha, Lulú ! fingem-se de surdos. Viemos jantar com vossês. Queremos sobretudo Champagne.

LULU.

Apoiado. Não dispensamos Champagne.

SILVEIRA.

Não preferem clicau ?

FELICIANO.

Está dito : manda-se vir Champagne, Cham-  
bertin, Sothern... Quem paga ?

RITINHA.

Olha, Lulú. Estão caçoando !

SILVEIRA.

Nós caçoamos ; mas vossês fazem mais : vossês insultam-nos. Sim, porque é um insulto entrar ao meio-dia em casa de dous desgraçados que ainda não almoçaram e vir pedir jantar.

RITINHA E LULU.

Ainda não almoçaram ? !

LULU.

Tanto melhor ; almoçaremos juntos.

FELICIANO.

Viva a Lulú. (*abraça-a*).

LULU.

Mas eu não os comprehendo. A' pouco eu insultava-os, e agora abraçam-me !

FELICIANO.

Pois não pagas o almoço ?

RITINHA.

E que tal !

SILVEIRA.

Não ha em casa nem um real !

LULU ( *depois de alguma pausa* ).  
Está dito : eu pago o almoço.

FELICIANO E SILVEIRA.

Viva a Lulú !

SILVEIRA.

Eu vou já ao hotel defronte ( *vai sahindo e volta* ).  
Não, vai tu, Feliciano. A felicidade desvairou-me.  
Louco, ia eu mesmo procurar a boca do lobo !

FELICIANO.

Porque não vás ?

SILVEIRA.

Tenho lá um credor.

LULU ( *rindo-se* ).

Cobarde !

FELICIANO.

Vou já n'um pulo ( *vai sahindo, volta : para Lulú* ). E' verdade e o... ( *faz o accionado de quem pede dinheiro* ).

LULU.

Mande assentar na minha conta ; e sobretudo  
que venha Champagne do melhor. ( *Feliciano sahe* ).

SCENA X.

OS MESMOS MENOS FELICIANO.

LULU.

Sr. Silveira : o seu procedimento para comigo

ultimamente tem sido inqualificavel! Ha duas semanas que não tenho a honra de o ver.

SILVEIRA.

Menina os credores. . . .

RITINHA.

Quanto á mim, tenho do Sr. Silveira uma offensa que jámais esquecerei. Lembra-se daquella celebre viagem á Santo Amaro, em que o Sr., entrando n'uma venda para comprar cigarros sem ter dinheiro, deixou-me na porta, e disse-me:—Ritinha, meu coração, espera-me dez minutos que eu já volto, e trocando algumas palavras em voz baixa com o caixeiro, desapareceu sem mais voltar? Deixar-me empenhada n'uma venda por meia pataca de cigarros! Desta nunca me hei de esquecer!

SILVEIRA (*rindo-se*).

Aguas passadas não móem moinhos, menina. Agora que a felicidade começa á sorrir-nos, fallemos de cousas alegres. O que teremos para almoço!

SCENA XI.

LULU, RITINHA, SILVEIRA E FELICIANO.

FELICIANO (*com uma caixa de charutos*).

Um magnifico roastbeef, ovos, Bordeaux, Champagne, Porto, doces finos.... Trouxe esta caixa de charutos por conta. São trabucos.

SILVEIRA.

Viva a Lulú.

FELICIANO

Vivam (*cantam*).

SILVEIRA.

Viva a bella Providencia  
Que o céu nos deparou,  
Viva o anjo tutellar  
Que o almoço nos pagou.

LULU.

Nada têm que agradecer-me  
Eu olho para o porvir,  
Da vossa algibeira um dia  
O almoço ha de sahir.

CORO.

Viva a bella providencia etc., etc.

(*Entra um criado com uma bandeja*).

SILVEIRA.

Arreia, arreia : não ha tempo a perder. (*Feliciano e Lulu arrastam a mesa até o meio da scena : Silveira põe a bandeja em cima da mesa*).

RITINHIA (*destapando os pratos*).

Não é um almoço : é um lauto jantar !

SILVEIRA (*sentando-se na canastra e comendo*).

Já não posso mais; sentem-se e façam o mesmo.  
nada de cerimoniaes.

FELICIANO.

Ritinha, queres um bocado de roastbeef ?

RITINHA.

Aceito, meu anjo.

LULU.

Eu começo pelo Champagne: é a bebida dos amores. Não ha sacarolha?

FELICIANO.

Veio um. Aqui está. Champagne á sacarolha!

LULU (*abrindo a garrafa*).

Viva o nectar dos deoses! (*bebe*). Agora serve-me de qualquer cousa.

FELICIANO

Queres ervilhas?

LULU.

Qualquer cousa.

RITINHA.

O collega da frente perdeu a falla!

FELICIANO (*suspirando*)

Ai, ai, meninas; não ha goso perfeito n'esta vida. Diante d'este roastbeef eu vejo dissiparem-se todos os meus sonhos de felicidade. E sabes porque? Porque á idéa de — roastbeef — associa-se uma outra a de — inglez! —

RITINHA.

E o que tem o Snr. com os Inglezes?

FELICIANO.

Cala-te: não quero innocular o mal da experiencia em teu coração de vinte e dous annos. Só o que te digo é que elles hão de ser a causa da minha desgraça. N'um bello dia vossês hão de encontrar o meu corpo pendurado á um pe. ....

LULU.

De malvas.

SILVEIRA (*para Feliciano*)

Por fallar em malvas, passa-me o prato das hervas. (*Feliciano passa o prato*).

LULU (*levantando-se*).

Meus Senhores: A saúde d'aquelles e d'aquellas a quem consagramos nossas horas de ventura. Hade ser com —Ups —.

TODOS (*menos Silveira*).

Ups, ups, urrah, etc., etc.

FELICIANO.

Eu proponho outro brinde. A' saúde da nossa Providencia do dia 15. A' tua saude, Lulú.

SILVEIRA.

A' razão da mesma.

TODOS (*menos Silveira*).

Ups, ups, etc., etc.

RITINHA.

Não tem medo de uma apoplexia fulminante, Snr. Silveira?

FELICIANO.

Silveira?— E's homem: pára!—

SILVEIRA,

Vejo tudo azul! Creio que desta não escapo. Amanhã os jornaes publicarão «Facto Extraordinario!» Morreu um estudante de indigestão. Eu serei depois de morto o alvo das atenções publicas. Mas, antes que me entoem o — Requiescat in pace, — eu quero fazer um brinde. Enchão os calices de Champagne. A' morte de todos os creadores.

FELICIANO.

Bravo! Si é exacto o principio dos Romanos: Mors omnia solvit, eu seria capaz de beber..... eu nem sei o que beberia para solemnisar este brinde. (*Ouve-se dentro bater palmas.*)

SILVEIRA.

Heim?!

FELICIANO.

Inglezes na Costa!

SILVEIRA.

Salve-se quem puder. (*Correm todos e escondem-se na porta do lado direito*)

SCENA XII.

OS MESMOS E LUIZ DE CASTRO.

LUIZ DE CASTRO (*entra com botas de montar; traz um grande chapéo de palha e uma mala de viagem na mão*).

Dão licença. Ninguem?! Olá de dentro!



FELICIANO.

Um credor de botas!

SILVEIRA.

E' um cometa!

FELICIANO.

Tu tens dividas no Rio de Janeiro?

SILVEIRA.

Não sei: parece-me que tenho verdugos até na China!

LUIZ DE CASTO (*sentando-se aos poucos na canastra*).

Ui, ui, ui. Irra! Doze leguas! Parece-me um sonho estar aqui! Que viagem, que precipicios e que burro! Corcoveou um quarto de hora comigo na serra; a final não pude: deixei-me escorregar pelo rabicho, e cahi com a parte onde a espinha dorsal muda de nome mesmo na ponta de uma pedra! Vi estrellas! Ui, ui, ui. E tudo para que? Para vir ver o patife de um sobrinho que me anda esbanjando a fortuna! Ah! S. Paulo, S. Paulo, tu és um fóco de immoralidades! Mas onde estará esse bigorilhas? Disseram-me que elle morava aqui. (*Põe a mala no chão e tira as esporas.*)

SILVEIRA.

Um sobrinho?! Quem será?

LUIZ DE CASTRO.

Hei de lhe mostrar para quanto sirvo, Snr. Felix de Castro. Hade me pagar. (*ferindo-se com as esporas*). Ui, ainda mais esta. Ora esta! Bebi um pouco de aguardente na viagem. Estou assim meio aéreo!



FELICIANO.

E' o tio do Felix: é o desalmado Luiz de Castro. Ritinha e Lulú, vão baptisar aquelle Mouro.

LULU.

Fiquem vossês aqui: quando o homem estiver convertido, eu os chamarei. (*Ritinha e Lulú entram em scena.*)

LUIZ DE CASTRO.

Minhas senhoras,.... Perdão: creio que estou enganado (*á parte*) E' uma casa de familia (*alto*) Como cheguei agora mesmo, julguei que fosse esta a casa de meu sobrinho Felix de Castro.

LULU.

Esteja a gosto, póde ficar, o Snr. está em sua casa.

LUIZ DE CASTRO.

Bondade de V. Ex., minha senhora.

RITINHA (*tirando um charuto da caixa e fumando.*)

Não quer um charuto?

LUIZ DE CASTRO.

Obrigado, minha senhora. (*aparte*) E esta!

LULU.

Prefere cigarros campineiros? Não quer um calix de Champagne?

LUIZ DE CASTRO (*á parte*).

Com que gente estou mettido! Estou na Torre de Nesly. (*alto*) Eu estou enganado, minhas senhoras; vou procurar o meu sobrinho. (*vai a sahir*).

LULU.

Ora não vá já, não seja máu (*tomam-lhe ambas a frente*).

LUIZ DE CASTRO.

Deixem-me, senhoras. Eu sou um pai de familia. não me envolvo em intrigas amorosas.

RITINHA.

Pois tem animo de nos deixar tão cedo?!

LULU.

Ora fique.

LUIZ DE CASTRO.

Eu por ventura as conheço? Tenho negocios com as senhoras. (*á parte*) Decedidamente vou-me embora: dizem que o fogo perto da polvora.....(*alto*). Minhas senhoras (*vai sahir*).

LULU (*baixo*).

Não vá : se fôr ha de se arrepender.

LUIZ DE CASTRO.

O que ?

RITINHA (*baixo*).

Ingrato.

LUIZ DE CASTRO.

Como (*à parte*) Mão, que já vai me virando a bola !

LULU.

Pois o senhor ousa abordar a ilha de Calipso, e quer retirar-se impune ? !

RITINHA (*offerecendo-lh um calix de Champagne*).

Não seja egoista : beba ao menos á saude daquella que tanto lhe adora : á minha saude.

LUIZ DE CASTRO (*à parte*).

E' um fazendão ! (*alto*) Este vinho irrita-me os nervos, minha senhora.

LULU.

O senhor padece dos nervos ?

LUIZ DE CASTRO (*à parte*).

A provocação já é muito directa: vou-me embora. (*alto*) Minhas senhoras (*vai sair, Ritinha tomalhe a frente com o calix*).

RITINHA.

Então não quer satisfazer o meu pedido ?

LUIZ DE CASTRO (*à parte*).

Vai tudo com os diabos. (*alto*) Bebo.

LULU (*enchendo outro calix*).

Mais este.

LUIZ DE CASTRO.

Venha (*à parte*) Não me apanham no laço,

LULU (*baixo a Ritinha*).

Está filado!

LUIZ DE CASTRO

A's suas ordens.

LULU (*dando-lhe um charuto*).

Fume sempre um charutinho.

LUIZ DE CASTRO (*á parte*).

Esta é melhor fazenda (*alto*) Não fumo : eu só tomo rapé (*tirando uma boceta*). Não gastam ?

LULU (*pondo-lhe a mão no hombro*).

E se eu lhe pedir muito?

LUIZ DE CASTRO.

Desencoste-se, senhora (*á parte*) Não ha duvida : estou na torre de Nesly. Vivam (*vai sahir, Luli e Ritinha ajoelham-se*).

LULU.

Não vá, meu coração.

RITINHA.

Ora fique ...

LUIZ DE CASTRO.

(*A' parte*) E' preciso muita coragem. (*alto*) Fico.

LULU (*offerecendo-lhe outro calix*).

Então á saúde dos nossos amores.

LUIZ DE CASTRO.

Vá lá á saúde dos nossos amores (*bebe até o meio*).

LULU.

Esta é de virar.

LUIZ DE CASTRO.

Viro.

SILVEIRA (*para Feliciano*).

Isto promete um desfecho magestoso.

LUIZ DE CASTRO (*risonho*).

Mas as Senhoras moram mesmo aqui.... sósinhas?

RITINHA.

Sósinhas.

LUIZ DE CASTRO.

(*A' parte*). E' celebre! Estou tão leve! (*alto*). Então com que.....(*rindo-se*). Eu vou-me embora: eu bem disse que aquelle vinho fazia-me mal aos nervos.

LULU.

E' porque não está ainda acostumado. Beba outro calix, que hade sentir-se melhor (*dá-lhe outro calix*). Tem animo de regeitar?

LUIZ DE CASTRO.

Quem póde resistir ao fôgo d'esses olhos? (*bebe*).

RITINHA.

Mais outro.

LUIZ DE CASTRO.

Tudo o que quizeres, meu coraçãozinho (*beija a mão de Ritinha*). (*Lulú lança lhe um olhar languído*). Machuca-me todo, (*ajoelhando-se*) mata-me; mas não me lances este olhar! (*Lulú dá signal a Feliciano e a Silveira que entrem para a scena*).

SILVEIRA (*á Luiz de Castro que quer levantar-se*).

Esteja á gosto (*tirando um charuto da caixa*), Não quer um charuto?

LUIZ DE CASTRO.

Eu hem disse que estava enganado. Eu vou-me embora. (*levanta-se cambaleando*) Mas aquelle patife hade me pagar (*vai saindo*).

RITINHA.

Não vá.

LULU.

Ora fique.

SILVEIRA.

Fique.

FELICIANO.

Ora fique.

LUIZ DE CASTRO. (*consigo*)

Que papel representam estes dous sujeitos aqui? Estou abysmado! Era preciso que eu viesse á S. Paulo para presenciar estas scenas!

SILVEIRA.

Snr. Luiz de Castro.

LUIZ DE CASTRO.

O Snr. sabe o meu nome?! D'onde me conhece o Senhor?

SILVEIRA (*para Feliciano*).

Uma idéa! (*para Luiz de Castro: baixo*). Maganão feliz! Então com que pensa que não o conheço. Não se lembra talvez d'aquelle celebre pagóde no Rio de Janeiro.....

LUIZ DE CASTRO.

Eu nunca estive em pagódes, Senhor.

SILVEIRA (*continuando*)

Em que havia uma celebre menina de olhos negros, côr de jambo, cabellos encrespados..... Maganão! não tem máu gosto.

LUIZ DE CASTRO.

Falle mais baixo, Snr. não me comprometta.

SILVEIRA (*áparte*).

Creio que pegam as bichas. (*alto*) E no entretanto quer fingir-se santarrão..... Diz que o Champagne faz-lhe mal aos nervos.....

FELICIANO (*para Luli e Ritinha*)

O que quererá o Silveira com aquelle D. Juan em segunda mão?



SILVEIRA.

Basta de hypocrisia. Si continuar com esse ar estudado de moralista, irei denunciá-lo ao seu sobrinho e então.....

LUIZ DE CASTRO.

Basta Snr.: o que quer que eu faça?

SILVEIRA.

Quero que se apresente tal qual é: deixe-se de hypocrisias. (*Para Lulú e Ritinha*). Meninas, o Snr. Luiz de Castro é dos nossos: é velho no corpo, mas criança na alma. Snr. Luiz de Castro: viva a pandega!

LUIZ DE CASTRO (*gritando*).

Viva a pandega! (*áparte*). Estou desmoralisado!  
SILVEIRA. (*baixo a Feliciano*). Está preparada a situação (*baixo a Lulú*). Enche um calix de vinho do Porto (*Lulú enche o calix*). Snr. Luiz de Castro: (*dando o calix*) A' saúde dos velhos moços.

LUIZ DE CASTRO.

Vivam: (*bebe até o meio*).

SILVEIRA.

Não senhor; esta é de virar.

RITINHA (*baixo*).

Olhe que o homem já bebeu muito champagne.

SILVEIRA.

Vá outra: A' saúde dos seus verdadeiros amigos.

**LUIZ DE CASTRO.**

Vá.

**TODOS.**

Up, up, urrah, etc., etc.

**SCENA XIII.**

**OS MESMOS E FELIX.**

**FELIX (cantando dentro).**

*La donna é mobile*

*Qual pouima alvento...*

**LUIZ DE CASTRO.**

Esta voz.

**SILVEIRA (para Feliciano).**

Vejamos o desfecho.

**FELIX (entrando).**

Um cometa! (*Luiz de Castro volta-se*) Meu Tio!  
Estou perdido! Ah! meus presentimentos! (*para Luiz de Castro*) Abença.

**LUIZ DE CASTRO.**

Sô bigorrilhas!

**FELIX (á parte).**

Ai! que cheiro de vinho!

LUIZ DE CASTRO (*cambaleando*).

O seu comportamento é inqualificavel! O seu officio em S. Paulo tem sido pregar calôtes (*esbarra na canastra*).

FELIX.

Meu Tio, olhe a canastra.

LUIZ DE CASTRO.

E tem o arrojo de não corar em minha presença! Quem julga o Snr. que eu scu?

FELIX.

A' principio suppuz que fosse um cadaver.

LUIZ DE CASTRO.

Cadaver, grandissimo patife! Estou vivo e bem vivo para te metter o chicote (*Felix senta-se*). Levante-se.

FELIX (*sentado*)

Admira-me bastante que o Snr. meu Tio venha moralisar n'um lugar d'estes entre garrafas de Champagne, e exhalando vapores de vinho. (*baixo*) Quando chegar ao Rio de Janeiro, minha Tia ha de ser informada de tudo isso.

LUIZ DE CASTRO (*brando*).

Sim... mas tu não tens te comportado bem: Constantemente estou a receber contas tuas. Tu não sabes que eu não tenho grande fortuna?

FELIX.

Meu Tio: á primeira vista parece que eu devo muito: mais está alli o Silveira que deve mais do que eu.

LUIZ DE CASTRO.

Eu não digo que deixe de se divertir. . . . mas (*cambaleando*).

FELIX.

Meu Tio, não caia.

SCENA XIV.

OS MESMOS E TEIXEIRA.

SILVEIRA.

Ainda o Teixeira caólho.

TEIXEIRA.

Venho aqui. . . . .

SILVEIRA (*baixo*).

Já sei, espere. (*baixo a Felix*) Diz á teu Tio, que o Teixeira é teu credor. O homem hoje está disposto á tudo!

LUIZ DE CASTRO (*voltando-se*)

Quem é este Senhor?

FELIX.

Este Senhor.....

LUIZ DE CASTRO.

Diga logo: é um credor.

SILVEIRA.

E' uma pequena divida de 100\$000, Snr. Luiz de Castro.

LUIZ DE CASTRO.

Tome. Trouxe o recibo? (*recebe*) Suraa-se (*áparte*) com os diabos anda-me tudo á roda!

SCENA XV.

SILVEIRA (*suspirando*).

Estou livre do Teixeira caólho!

LULU, RITINHA E FELICIANO.

Viva o Snr. Luiz de Castro.

LUIZ DE CASTRO.

Hoje mesmo pagarei todas as tuas dividas; mais hasde-me prestar dous juramentos: 1.º de não as contrahir mais; 2.º (*baixo*) De nada revelares a tua Tia do que se passou aqui.

FELIZ.

Juro.

SILVEIRA.

Eu tambem quero impor uma condição. O Senhor hade ficar aqui pelo menos dous mezes.

LUIZ DE CASTRO.

Fico.

SILVEIRA (*para Feliciano*).

Já não morreremos mais de fome.

LUIZ DE CASTRO.

Estou desmoralizado, perdido, esbandalhado, e tudo porque? Por causa de um sobrinho extravagante.

FELICIANO

Engana-se, Snr. Luiz de Castro: tudo isto é devido á — Inglezes na Costa.

LUIZ DE CASTRO.

Que Inglezes?

FELIX (*segurando em Luiz de Castro*).

Venha para o quarto, meu Tic. E' uma historia muito complicada; logo lh'a contarei.

SILVEIRA.

Esperem. Eu tenho que fallar com estes Senhores, por parte do author.

Si algum Inglez se offendeu, com o Author não encavaque.

O Author só se reffere — Aos Inglezes de Balzac.

CAHE O PANNNO.

FIM.